

MEMÓRIAS DA COMUNIDADE, HISTÓRIAS DA CIDADE: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Carlos Eduardo Ströher¹

Daison Kipper da Paz²

Michelle Leite³

RESUMO

A escola é um espaço em que o adolescente (re)constitui constantemente sua identidade, estabelecendo – ou não – laços afetivos e de pertencimento a certos grupos sociais, ao meio em que vive e onde estuda. Sentir-se parte da história do local em que reside e da escola que frequenta é fundamental para que o discente se torne agente da realidade que presencia e se sinta sensibilizado a observá-la e a pensá-la de maneira mais crítica. Sob essa perspectiva, foi desenvolvido o projeto “Memórias da comunidade, histórias da cidade”, que visava a ressignificar o espaço (e o aprendizado) escolar a partir do estudo das localidades de origem dos alunos e da produção de novas fontes históricas, sobretudo de fotografias que representassem a paisagem natural sob a ótica particular e a subjetividade de cada discente. As atividades foram desenvolvidas de maneira interdisciplinar, com 31 alunos de 8ª série (9º ano) da Escola Municipal São José, de São Sebastião do Caí, ao longo do ano letivo de 2013. A experiência de pesquisa estimulou a reflexão a respeito das memórias existentes nos bairros e de suas relações com o ambiente escolar, possibilitando a reconstrução da memória coletiva da comunidade e a produção de novos conhecimentos.

Palavras-chave: Educação. Memória. Comunidade.

ABSTRACT

School is a place where the teenager constantly rebuilds their identity, establishing emotional bonds to certain social groups and to the environment they live and study. Feels like a portion of the place where they live and study is essential for the students to become agent of their reality and to feel sensitized to observe it and think of it in a more critical manner. From this perspective, it developed the project “Community memories, city stories”, was developed to give a new meaning to the school environment through the study of the source locations of the students and the production of new historical sources. Among these sources, there are photographs there represent the natural landscape from the perspective

¹ Mestre em Educação (UFRGS), especialista em Ensino de História e Geografia (UFRGS) e licenciado em História (Feevale). Professor da educação básica na rede municipal de São Sebastião do Caí e da Universidade Feevale no curso de História. *E-mail:* carloseduardo@feevale.br.

² Bacharel em Geografia (UFRGS) e licenciado em Geografia (Ulbra). Professor da educação básica na rede municipal de São Sebastião do Caí. *E-mail:* daisonpaz1@gmail.com.

³ Especialista em Mídias na Educação (Ufpel) e licenciada em Artes Visuais (Feevale). Professora da educação básica nas redes municipais de São Sebastião do Caí e São José do Hortêncio. *E-mail:* michelle.leite.arte@gmail.com.



of students. The activities were developed in an interdisciplinary way, with 31 students from the 9th grade in the *Escola Municipal São José* in the city of *São Sebastião do Caí*, throughout the school year of 2013. The research experience encouraged the reflection on the memories of the residents of the neighborhoods and their relations with the school environment, enabling the reconstruction of the collective memory of the community and the production of new knowledge.

Keywords: Education. Memories. Community.

1 DA MINHA ALDEIA VEIO QUANTO DA TERRA SE PODE VER NO UNIVERSO...⁴: COMO E POR QUE SURTIU O PROJETO

*“O efeito que colocamos na imagem pode mudar o contexto, o olhar”.*⁵

Qual é o olhar do aluno brasileiro sobre a educação pública de seu país? Qual é a sua percepção a respeito da disciplina “História”? Há identificação dos educandos com a instituição que frequentam? E com a localidade em que vivem? Quem não aprecia o pedacinho de chão em que vive poderá admirar seu país?

Dentre um universo de questionamentos, essas perguntas permearam o planejamento de um projeto pedagógico no ano letivo de 2013. A partir do contato com os alunos de duas turmas de 8ª série (9º ano) da Escola Municipal São José, na cidade gaúcha de São Sebastião do Caí, pôde-se constatar que não havia um sentimento de identificação com as localidades em que viviam e que eles desconheciam a história desses lugares. Para os educandos, a História era constituída por grandes personalidades e em locais distantes. Esse fato repercutia na sua relação com a escola, pois ela era considerada mais um espaço sem grande significado, e os alunos não se viam como agentes da história do meio em que se inseriam.

Em um contexto como esse, a evasão escolar se transforma em uma realidade ameaçadora, pois não há uma razão social e afetivamente forte o suficiente para garantir a permanência de todos os educandos na escola. Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ressaltam a importância de o professor elaborar formas de acolhimento e de valorização da pluralidade cultural dos alunos, além de favorecer uma educação mais holística, que considere o aluno como um ser complexo, inserido em um meio social, político e histórico. Assim, os PCNs apontam que:

⁴ Os subtítulos correspondem a versos de Alberto Caiero (heterônimo de Fernando Pessoa), os quais comporão uma unidade significativa ao final do texto.

⁵ Frase da aluna Lucinara Lovison Höerlle, após palestra da fotógrafa profissional Joana Schneider.



Muitas reflexões inerentes à pesquisa histórica são significativas para o ensino na escola fundamental. As abordagens teóricas que problematizam a realidade social e identificam a participação ativa de “pessoas comuns” na construção da História nas suas resistências, divergência de valores e práticas, reelaboração da cultura instigam, por exemplo, propostas e métodos de ensino que valorizam os alunos como protagonistas da realidade social e da História e sujeitos ativos no processo de aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 33).

Sob essa perspectiva, o aluno reconhece sua capacidade de analisar criticamente a realidade atual, confrontando-a com práticas passadas e de outras nações, etnias, culturas e sociedades. No reconhecimento de semelhanças e diferenças, ele deve compreender que pode interferir na história de sua localidade, de sua escola, de seu país, pois suas práticas individuais englobam e carregam memórias e valores coletivos, muitas vezes, despercebidos ou ignorados. Dessa forma, “aprender História” torna-se, também, um processo de autoconhecimento e de respeito ao “outro”.

Assim, a série de perguntas que inicia este texto transformou-se em um só questionamento, que norteou o planejamento: qual é o “efeito” que o professor de História pode dar à educação pública para mudar o olhar dos alunos a respeito dela e da realidade em que eles estão inseridos?

A resposta despontou rapidamente, voltando-se ao estudo da realidade local dos discentes. Entretanto, a metodologia teve de ser mais cuidadosamente planejada, pois os registros sobre a história do município se resumem a poucos dados políticos disponíveis no Museu Municipal, que, todavia, permanece fechado a maior parte do tempo em virtude de reformas na estrutura e da inexistência de um profissional habilitado para trabalhar nele. Em outras palavras, o pouco material histórico que existia não era de fácil acesso aos alunos e não privilegiava o aspecto considerado fundamental para o projeto: a memória. Segundo Verena Alberti,

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral (ALBERTI, 2005, p. 167).

Escolhida a metodologia da História oral, foi necessário buscar parcerias com outros professores, pois o combate à evasão escolar e a formação de cidadãos não se dá isoladamente pela ação de um docente em uma única disciplina. Afinal, para exercer a cidadania, o sujeito necessita não somente de conhecimento empírico ou teórico, mas também da habilidade de expressão, de apurado senso estético e crítico e de valores atitudinais, que conduzam à interação social respeitosa e construtiva.

Após a apresentação da proposta de projeto em uma reunião pedagógica, os proponentes (professores Carlos Eduardo Ströher, de História; Michelle Leite, de Artes, e Daison Kipper da Paz, de Geografia) contaram com a adesão da direção da escola e também da professora Jaqueline Kievel, de Língua Portuguesa. Assim, em um planejamento conjunto, estipularam-se duas etapas para a realização



das atividades. Na primeira, privilegiou-se a pesquisa histórica a respeito das comunidades, o estudo da geografia local, a produção de um panorama social dos bairros e a vinculação com conteúdos curriculares, como a globalização. Na segunda parte, o trabalho voltou-se para o desenvolvimento da percepção dos alunos acerca de sua realidade, sobretudo por meio de ensaios fotográficos das paisagens locais. Nessa etapa, houve também exposições do trabalho dos discentes, a fim de dar visibilidade e de valorizar seu trabalho.

Em suma, no planejamento da ação pedagógica, foram cumpridas as seguintes etapas:

- a) levantamento do conhecimento prévio dos alunos e de suas percepções a respeito do meio em que vivem;
- b) reunião com professores da escola, a fim de aderirem ao desenvolvimento do projeto, o que se consolidou, sobretudo, com as disciplinas de História, Geografia, Artes e Língua Portuguesa;
- c) delimitação clara dos objetivos a serem alcançados;
- d) busca de parcerias com a comunidade, de que resultaram uma palestra com uma fotógrafa profissional e um passeio guiado com recursos da Prefeitura às localidades pesquisadas;
- e) realização de avaliações contínuas e progressivas (inclusive, autoavaliações), analisando questões atitudinais e o processo de aprendizado, sem considerar um produto final (como as fotografias ou maquetes) como indicador absoluto do rendimento do aluno;
- f) envolvimento dos discentes e da escola em exposições e uma Mostra Técnica que desse visibilidade ao trabalho.

2 POR QUE A MINHA ALDEIA É TÃO GRANDE QUANTO OUTRA TERRA QUALQUER: O CONTEXTO SOCIOCULTURAL E A INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA DOS ALUNOS

“Com esse projeto pude perceber quanta coisa bonita tem perto de nós e nem notamos, pois estamos ligados às tecnologias”.⁶

Os nomes são significativos. Assim, o Loteamento Popular, em que está situada a Escola Municipal São José, carrega em sua denominação o caráter plural de seus moradores – com origens étnicas e culturais muito variadas, embora prevaleçam as raízes portuguesa e africana – e o propósito de criação do bairro. A localidade existe há cerca de duas décadas e foi concebida pelo poder público como uma área alternativa para pessoas de baixa renda, que habitavam zonas passíveis de inundação pelo Rio Caí ou cujas condições financeiras não permitissem a aquisição de imóveis em terrenos mais valorizados.

⁶ Frase da aluna Caroline Ferraz.



Inicialmente, por volta do final da década de 1980, a localidade constituiu-se como uma área de ocupação planejada. Posteriormente essa organização ficou em segundo plano, uma vez que muitas residências foram construídas de forma irregular. Lentamente o poder público local passou a realizar obra de estrutura básica de saneamento, de pavimentação de ruas, de acesso à saúde, ao lazer e à educação, bem como agindo para a regularização de construções e terrenos com a concessão de escrituras a preços diferenciados.

Por todas essas características, a Escola Municipal São José, fundada em 1992, apesar de constar nos dados do Ministério da Educação (MEC) como uma Escola Rural, identifica-se como pertencente a um espaço urbanizado, embora seja um ponto de confluência de alunos advindos da região rural que cerca o Loteamento, a qual é marcada pela origem alemã. Assim, estão representadas no ambiente escolar também as localidades de Arroio Bonito, Bairro São José, Loteamento São José, Campestre Santa Terezinha, Nova Rio Branco e Chapadão.

A escola é, portanto, para os alunos, “um mundo em menor escala”, pois é marcada pela pluralidade de etnias, de culturas, de práticas de trabalho e de modos de vida. E, assim como no mundo globalizado, nesse contexto, a tecnologia tem uma significativa presença. Embora boa parte dos discentes pertença a famílias de baixa renda, destaca-se o acesso que possuem a celulares e a aparelhos eletrônicos, os quais foram incorporados ao projeto, tornando-se instrumentos de pesquisa, de gravação de entrevistas, de documentação histórica e de registro das paisagens das localidades.

Esse foi um dos pontos que mais atraiu os educandos para o desenvolvimento das atividades, pois os aparelhos tidos como nocivos à educação, porque lúdicos e instantâneos, foram empregados a seu serviço. Daí a avaliação positiva feita por João Paulo Wiederkehr: “aprendi que a fotografia não é apenas uma recordação, mas também uma forma de estudo, bem mais prática e divertida”.

Nesse ponto, chegou-se ao objetivo geral do projeto, que propôs estudar o passado com recursos do presente, a fim de atualizar as vivências e os significados das memórias locais, levando à identificação dos alunos e à ampliação de suas percepções a respeito da realidade que vivem. Obviamente, a escassez de fontes documentais a respeito da história das localidades representou uma dificuldade adicional ao trabalho, mas, por outro lado, aguçou o espírito investigativo dos discentes, que se sentiram agentes de “descobertas históricas”. Foi o que ocorreu, por exemplo, com Lucinara Höerlle, que identificou uma foto de seu bisavô junto a um grupo de rapazes os quais participaram da 2ª Guerra Mundial, e com os alunos que descobriram que o terreno onde atualmente se localiza a escola era, outrora, uma plantação de rosas. Nessas pequenas descobertas, floresceram novos olhares sobre a escola e os fatos históricos.



3 PORQUE EU SOU DO TAMANHO DO QUE VEJO: OS OBJETIVOS E O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

“Eu gostei muito [...], pois descobri uma qualidade que eu não sabia que tinha”.⁷

Por se tratar de um projeto interdisciplinar, o objetivo geral, inicialmente mais vinculado à História, desdobrou-se em vários objetivos específicos, que contemplaram diferentes áreas do saber. Os principais eram:

- estabelecer laços de identificação com a localidade de proveniência, percebendo-a como espaço significativo de experiências e memórias;
- desenvolver a autonomia e o espírito investigativo por meio de busca de informações e de documentos históricos;
- conhecer os principais fundamentos metodológicos da História oral, valorizando os aspectos afetivos e identitários presentes nos depoimentos dos moradores;
- reconhecer os efeitos da globalização na forma de vida e nas relações de trabalho e de estudo dos grupos sociais;
- comparar e avaliar as diferentes realidades encontradas, distinguindo potencialidades e problemas inerentes a cada espaço;
- interpretar cartas hipsométricas das localidades;
- representar em escala reduzida a formação geográfica do bairro em que vive, respeitando as proporções;
- desenvolver a expressão linguística, por meio de textos escritos e orais (entrevistas, sínteses, trechos argumentativos, etc.), observando questões gramaticais e de coerência textual;
- distinguir as marcas de oralidade na transcrição da entrevista, atentando para a fidelidade ao que foi expresso pela pessoa entrevistada;
- compreender a fotografia como forma de arte e, conseqüentemente, de expressão dos sentimentos e opiniões do artista;
- conhecer aspectos técnicos da fotografia e características da carreira de fotógrafo, por meio de palestra com profissional da área;
- apurar o senso estético e a sensibilidade na realização de fotografias das paisagens locais;
- empregar tecnologias disponíveis adequadamente, reconhecendo-as como possíveis instrumentos de pesquisa e de aprendizado;
- desenvolver o senso crítico na avaliação de seus próprios trabalhos, de seus colegas e das atividades realizadas durante o projeto;

⁷ Frase da aluna Camila Andrade Batista.



- identificar a escola como espaço de confluência de culturas, histórias, memórias, formas de vida, de identidades e, por isso, como local rico em experiências;
- desenvolver a cooperação, a responsabilidade e o respeito através das atividades em grupo;
- aprimorar o autoconhecimento, reconhecendo-se como integrante e agente da história da escola e da comunidade;
- valorizar o “outro”, apreciando o trabalho dos colegas e respeitando os diferentes pontos de vista apresentados.

A longa lista de objetivos demandou meses de trabalho para a sua concretização. Inicialmente, quando o projeto foi apresentado, nem todos estavam explicitados ou desenvolvidos, pois o próprio diálogo entre os integrantes do projeto (alunos e professores) delimitou os rumos das pesquisas. Num primeiro momento, verificaram-se algumas dificuldades, a partir da divisão dos alunos conforme sua localidade de origem, o que gerou resistência por parte de alguns, pois não havia “afinidade” entre os integrantes. No decorrer do projeto, contudo, a necessidade de interação e de esforço conjunto se mostrou produtiva, pois demonstrou semelhanças entre os estudantes que eles próprios desconheciam e anulou animosidades iniciais.

Os grupos formados ficaram responsáveis por buscar moradores antigos de cada bairro, dispostos a serem entrevistados. É preciso ressaltar que, antes da realização da entrevista, houve um preparo dos alunos, a fim de que eles compreendessem e valorizassem as falas dos moradores. Na aula de História foi apresentada, sinteticamente, uma adaptação da metodologia de História oral proposta por Verena Alberti, ressaltando os objetivos e a importância social, histórica e afetiva das memórias dos mais velhos. Em Língua Portuguesa, inicialmente, cada grupo elaborou um roteiro, com perguntas que considerava pertinentes.

Somente após cuidadosa revisão dos professores e incentivo para o aprimoramento das questões, os alunos realizaram as entrevistas, gravando-as em seus celulares ou suas câmeras. Em um momento posterior, utilizaram o laboratório de informática para transcrever as falas, atentando para as marcas de oralidade⁸ e para a fidelidade com o que fora expresso pelo entrevistado.

Concomitantemente, os grupos realizaram um levantamento de fontes históricas de cada localidade, as quais incluíram fotografias de antepassados dos moradores e eventos sociais, como casamentos; registros fotográficos de paisagens e de imóveis, como uma fotografia antiga do Loteamento Popular (figura 1); dados sobre a fundação de espaços públicos e religiosos, entre outros. Em alguns casos, porém, não foi possível encontrar registros fotográficos, sendo proposto a esses estudantes que representassem as localidades como eram antigamente a partir dos relatos dos moradores entrevistados.

⁸ Embora haja uma discussão teórica em defesa da manutenção de todos os traços de oralidade na transcrição de entrevistas, por serem índices de questões afetivas e de opiniões, optou-se pela supressão de expressões como “né” e “tá?” e pelo não registro de hesitações. Essa escolha se deu em virtude da imaturidade teórica e metodológica dos alunos e do objetivo de fazê-los perceberem que a linguagem escrita guarda diferenças em relação à falada.



Figura 1 - Vista do bairro Loteamento Popular na década de 1980

Fonte: Histórias do Vale do Caí

Finalizada a coleta de dados, cada grupo elaborou o portfólio de sua comunidade, que foi compartilhado com os demais colegas (para isso, juntaram-se as turmas). Após a apresentação das histórias de cada fonte documental e dos relatos dos moradores, foi iniciada a elaboração de um livro do projeto, cujo *layout* foi inspirado na rede social *Facebook*, a fim de estabelecer a identificação com o universo dos alunos. No livro, além de outras informações, constam, para cada localidade, um resumo de sua história, uma ou duas fotografias, trechos das entrevistas selecionados pelos alunos como representativos (figura 2) e um panorama atual, em que os estudantes apontaram aspectos positivos e negativos que eles observaram em cada bairro (figura 3).



Vozes da comunidade

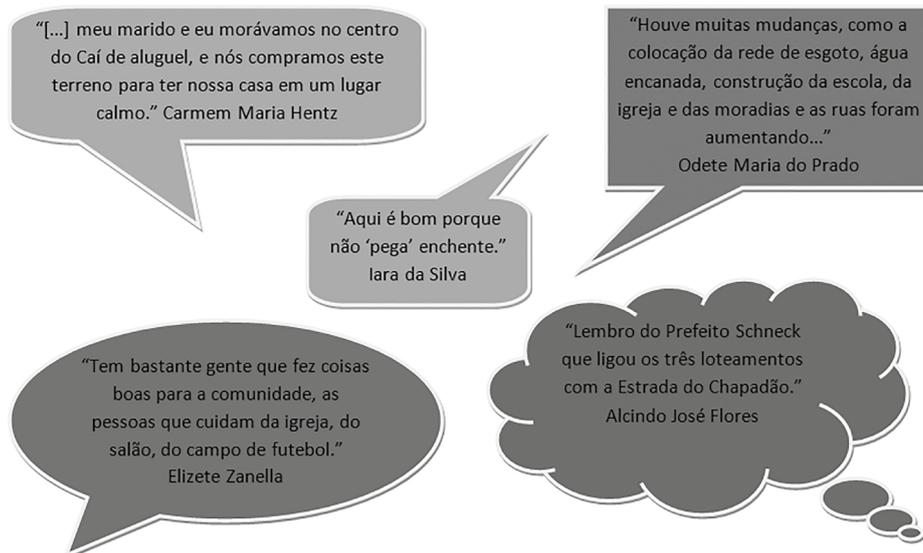


Figura 2 - vozes da comunidade do Loteamento Popular a partir dos trechos das entrevistas
Fonte: livro do Projeto *Memórias da Comunidade, histórias da cidade*. São Sebastião do Caí, 2013

Panorama atual



Figura 3 - panorama atual do bairro Chapadão a partir das entrevistas
Fonte: livro do Projeto *Memórias da Comunidade, histórias da cidade*. São Sebastião do Caí, 2013

É interessante perceber que, nesse processo de análise das entrevistas e das localidades, os alunos



conseguiram distinguir pontos de vistas discordantes, compreendendo que a avaliação da realidade é, em grande parte, subjetiva, ou seja, basear-se apenas na fala de alguém para julgar uma situação não é a melhor alternativa. Por isso, os discentes foram solicitados a emitirem sua opinião sobre o local em que vivem. Eles avaliaram de maneira positiva principalmente aspectos interligados à sua cultura, à vida social (como festas de comunidade, áreas de lazer etc.) e a avanços da urbanização (como calçamento de ruas, existência de escola etc.). Negativamente, apontaram a falta de infraestrutura em certas localidades e, em outras, problemas comuns a espaços urbanos (como o lixo, o consumo de drogas, a violência etc.).

Paralelamente a essas atividades, em Artes, investiu-se na análise da história da fotografia, que extrapolou sua natureza inicialmente documental para alcançar o *status* de produção artística. A fim de sensibilizar os alunos, foram trabalhadas obras de Araquém Alcântara, Robert Doisneau e Juarez Silva, ressaltando-se a beleza por detrás de registros de detalhes da natureza e de situações cotidianas. Além disso, convidou-se uma fotógrafa profissional do município, Joana Schneider, para palestrar às turmas.

A fala da fotógrafa foi um momento de intenso aprendizado, pois as especificidades das câmeras e as técnicas de fotografia chamaram muito a atenção dos alunos. Um dos pontos mais louváveis de sua palestra foi o desenvolvimento da confiança dos discentes em sua habilidade de registrar aspectos de sua realidade, como revela a aluna Gabriele Simon Simsen em sua avaliação da atividade: “Aprendi que devemos observar bem o que queremos fotografar, aprendi a mexer mais nas câmeras fotográficas, também sei que para tirar fotografias perfeitas não precisa ser um fotógrafo profissional”.

Essa questão vai ao encontro do que o estudioso António Marques Tavares afirma a respeito do lugar que a fotografia ocupa na arte contemporânea. Em sua visão, ela “permite, *grosso modo*, que qualquer pessoa possa ser artista. Um bom enquadramento do tema, uma obturação perfeita, o efeito da lente especial ou o tratamento digital fazem com que o comum cidadão possa ser, num ápice, um artista” (TAVARES, 2009, p. 118).

A confiança e a expectativa geradas nos alunos impulsionaram a realização das atividades previstas em uma segunda etapa do projeto, que iniciou com um passeio pelas localidades estudadas (figura 4). O transporte foi disponibilizado pela Secretaria da Educação do município após a apresentação dos portfólios produzidos pelos alunos em sua investigação. Além das paisagens naturais, a saída de campo contemplou a visita a alguns moradores, que falaram de seus bairros; a uma antiga escola, em que a professora, já aposentada, explicou como se dava a educação em épocas passadas.



Figura 4 - Alunos do projeto durante o passeio na localidade de Campestre Santa Terezinha
Fonte: livro do Projeto *Memórias da Comunidade, histórias da cidade*. São Sebastião do Caí, 2013

Essa atividade foi especialmente produtiva por estar relacionada a todas as disciplinas envolvidas no projeto. Em História e em Geografia, houve um estudo prévio sobre a globalização e seus efeitos na contemporaneidade. Durante o passeio, os estudantes deveriam tentar relacionar o assunto com aspectos da vida nessas localidades, registrando, posteriormente, suas reflexões em um texto a ser produzido em aula (Língua Portuguesa).

Em Artes, propôs-se que cada estudante compusesse uma coletânea de dez fotos. A saída de campo contou com algumas pausas para que os alunos iniciassem a prática de fotografar, sendo orientados, quando preciso, pela professora.

Em Geografia, havia-se trabalhado a interpretação de cartas hipsométricas de São Sebastião do Caí, com o objetivo de preparar os alunos para posterior representação geográfica das localidades. A observação abstrata do relevo por meio das cores nas cartas materializou-se nas paisagens observadas pelos alunos durante a saída de campo. Isso facilitou a confecção das maquetes em massa corrida, havendo a observação das proporções, a assimilação de distâncias, a pintura de rios e a identificação



da malha rodoviária de cada bairro.

As últimas atividades do projeto foram desenvolvidas na disciplina de Artes. Em sala de aula, houve a visualização das fotografias feitas pelos alunos com o auxílio de projetor multimídia. Conjuntamente, foram avaliadas as imagens e selecionadas as melhores coleções (figura 5) para posterior participação na Mostratec Júnior, um evento de divulgação científica, organizado pela Fundação Liberato, em Novo Hamburgo (figura 6).



Figura 5 - fotografia “Um pedido especial”, registrada na localidade de Arroio Bonito, de autoria de Lucinara Lovison Hoerlle, aluna participante do projeto
Fonte: livro do Projeto *Memórias da Comunidade, histórias da cidade*. São Sebastião do Caí, 2013



Figura 6 - alunas Pérola Fristch e Larissa Cardoso na Mostratec Júnior 2013, na Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha

Fonte: livro do Projeto *Memórias da Comunidade, histórias da cidade*. São Sebastião do Caí, 2013

A Mostra constituiu uma importante imersão dos alunos apresentadores no universo da pesquisa e da metodologia científica, fazendo-os visualizarem mais claramente o percurso transcorrido durante o projeto e os resultados obtidos. Ressalte-se, porém, que a intenção era dar visibilidade a um trabalho coletivo, tanto por parte dos discentes quanto dos professores. Assim, mesmo que não tenha sido viável a exibição, na Mostratec, de todo o material produzido, todas as fotografias foram reveladas e expostas – junto às maquetes e ao livro das localidades – no saguão da escola para apreciação da comunidade, ressaltando-se a relevância do olhar que cada aluno lançou à sua realidade.

4 E NÃO, DO TAMANHO DA MINHA ALTURA: AVALIAÇÕES DO PROJETO

“O que eu mais gostei e o que mais me chamou a atenção foi que todos participaram e conseguiram tirar fotos bonitas”.⁹

⁹ Frase da aluna Fernanda Streher.



Considerando a amplitude e o propósito do trabalho realizado, não é possível falar em uma única avaliação, tampouco em um único avaliador. Havendo o desejo de fazer os alunos perceberem-se como agentes da história, tornou-se necessário haver abertura para que também eles avaliassem, em diferentes momentos, a si mesmos, a seus colegas e às atividades propostas.

Certamente, essas análises constituíram um dos resultados mais significativos do projeto, pois revelaram um processo de desenvolvimento da criticidade dos estudantes e de sua capacidade de autovalorização e de apreciação do trabalho dos colegas. Na projeção das fotografias tiradas pelos discentes, houve inúmeras expressões de contentamento com a beleza captada pelas lentes alheias, o que, considerando o individualismo e a competitividade típicos da faixa etária dos alunos, representa um amadurecimento emocional e crítico.

É importante frisar que a capacidade de elogiar o “outro” está vinculada à confiança na própria competência. Veja-se, por exemplo, a seguinte declaração da aluna Larissa Gabriela Rosa: “Com a produção fotográfica aprendi a ver o lado bom de sair com uma câmera na mão e conseguir registrar imagens magníficas da natureza, que antes eu passava e nem cuidava. Gostei muito da fotografia da colega que tirou uma foto de um balanço”. As frases revelam que ela se sente capaz de “registrar imagens magníficas da natureza” e é por isso que não se sente diminuída em elogiar a foto da colega.

No contexto da escola, o reforço da autoestima, o desenvolvimento de uma visão mais aguçada para a realidade (antes, muitas vezes, desprezada) e o envolvimento de todos os alunos nas atividades foram relevantes fatores para não haver evasão escolar nessas turmas. Em reflexo, também a comunidade se sentiu valorizada, porque suas memórias foram registradas e constituíram objeto de estudo dos discentes, contribuindo para seu êxito escolar.

Enfim, o projeto ressignificou o aprendizado dos alunos, os quais perceberam, pelas histórias ouvidas e pelo registro das lentes fotográficas, que o espaço em que vivem constitui um lugar rico de vivências e experiências e que eles não só o integram, mas também auxiliam na construção de sua história. O encantamento pelas minúcias das memórias e pelas pequenas descobertas históricas, não obstante sua aparente insignificância, são capazes de transformar a maneira de conceber a realidade atual. Afinal, a “aldeia” em que cada aluno vive é todo o seu mundo, pois é onde ele aprenderá – ou não – a conviver, a se identificar, a se sensibilizar, a respeitar e a estabelecer laços com os outros. Se ele não se tornar cidadão no bairro em que vive, como o poderá ser em seu país ou em uma nação estrangeira?



REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

_____. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALCÂNTARA, Araquém. **Colecionador de mundos**. Disponível em: <<http://www.araquem.com.br/>> Acesso em: 12 mai. 2013.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 136 pp. (Coleção História e... Reflexões, 4).

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNS)**. História – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental . 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

DOISNEAU, Robert. **Atelier Ard**. Disponível em: <<http://www.robert-doisneau.com/fr/>>. Acesso em: 14 mai. 2013.

HISTÓRIAS DO VALE DO CAÍ. Disponível em: <<http://historiasvalecai.blogspot.com.br/2012/07/1429-loteamento-popular.html>>. Acesso em: 22 set. 2014.

LIVRO DO PROJETO MEMÓRIAS DA COMUNIDADE, HISTÓRIA DA CIDADE. São Sebastião do Caí, 2013.

SANT'ANNA, Renata. **Saber e ensinar arte contemporânea**. São Paulo: Panda Books, 2009.

TAVARES, António Luís Marques. A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea. **Sapiens: História, Património e Arqueologia**. N. 1, jul. 2009, pp. 118-129.